



## **O reconhecer o outro como irmão: uma reflexão a partir do texto de 1Cor 12,12-27**

*The Recognizing others as siblings: A reflection based on the text of 1Cor 12,12-27*

**Waldecir Gonzaga<sup>414</sup>**

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

**Tiago da Silva<sup>415</sup>**

*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*

**Resumo:** O presente artigo, dentro de uma pesquisa bibliográfica, inserido no contexto comunitário-ecclesial, procura refletir as implicações decorrentes do reconhecimento do outro como irmão, tendo como base o texto de 1Cor 12,12-27. Nesta perspectiva, o trabalho perpassa o tema: Igreja Corpo de Cristo, pensamento singular inaugurado por Paulo, que pretende encorajar a fraternidade na comunidade, enfraquecida pelas discórdias e falta de comunhão entre os membros: uns se achavam superiores a outros. A unidade e a fraternidade entre os membros só existem quando há coesão com Cristo, onde todos são unidos n'Ele pelo batismo. Dando continuidade, tendo como base os documentos da Igreja: Catecismo da Igreja Católica; *Encíclica Mystici Corporis*, o texto sublinha a dimensão do Corpo Místico de Cristo, enfatizando a distinção de Cristo Cabeça da Igreja e os membros. Esta coesão somente acontece no Espírito, qual sustenta a relação entre Cristo e os membros, que formam o Seu Corpo. Por fim, o trabalho versa sobre as implicações na comunidade quando os membros se reconhecem como irmão: “Somos muitos, mas formamos um só Corpo, que o Corpo do Senhor” (1Cor 12,12). Na comunidade, também se reconhece a diversidade e a variedade de dons que enriquecem a Igreja, e a importância de cada membro na comunidade. O trabalho evidencia que a consciência de comunhão fortalece os vínculos, fazendo crescer a fraternidade entre os irmãos. Neste sentido, a Igreja se torna sinal de fraternidade para o mundo, apontado para o Reino futuro (Reinado de Deus), externalizando a fidelidade, a partir da experiência de fé Trinitária.

**Palavras-Chave:** Primeira Coríntios, Paulo, Irmãos; Fraternidade; Corpo de Cristo; Comunhão.

---

<sup>414</sup> Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Pós-doutorado pela FAJE, BH, Brasil. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil (PUC-Rio). Criador e líder do Grupo de Pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no Diretório do CNPq. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCIDID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X2>

<sup>415</sup> Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2023). Mestre em Teologia pela PUCRS. E-mail: <tiago.silva@murialdo.com.br>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1654041359523873> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0001-1908-4895>

**Abstract:** This article, within bibliographic research, inserted in the community-ecclesial context, seeks to reflect the implications arising from the recognition of the other as siblings, based on the text of 1Cor 12,12-27. From this perspective, the work covers the theme: Church Body of Christ, a unique thought inaugurated by Paul, which aims to encourage fraternity in the community, weakened by discord and lack of communion among members: some thought they were superior to others. Unity and fraternity among members only exist when there is cohesion with Christ, where everyone is united in Him through baptism. Continuing, I try to base it on Church documents: Catechism of the Catholic Church; Encyclical *Mystici Corporis*, the text highlights the dimension of the Mystical Body of Christ, emphasizing the distinction between Christ the Head of the Church and the members. This cohesion only happens in the Spirit, which sustains the relationship between Christ and the members, who form His Body. Finally, the work deals with the implications for the community when members recognize each other as siblings: “We are many, but we form one Body, which is the Body of the Lord” (1Cor 12,12). In the community, also recognizes the diversity and the variety of gifts that enrich the Church, and the importance of each member in the community. The work shows that the awareness of communion strengthens bonds, increasing fraternity among siblings. In this sense, the Church, becomes a sign of fraternity for the world, pointed towards the future Kingdom (Reign of God), externalizing fidelity, based on the experience of Trinitarian faith.

**Keywords:** First Corinthians, Paul, Siblings; Fraternity; Body of Christ; Communion.

## Introdução

No imaginário social, a palavra “*ἀδελφός/irmão*” representa proximidade, vínculo profundo, afeto para com outro. Pode-se falar em laços consanguíneos, ligado à família, e também das relações de amizade, que geram cumplicidade. Ambas as relações são distintas, mas indicam relação de irmandade. No campo eclesial, a comunidade cristã expressa o sentido de comunhão na vivência fraterna, como família de Jesus Cristo.

A Igreja é comunidade de amor, dos filhos e filhas de Deus, dos irmãos e irmãs em Cristo. Esta afirmação encontra eco na experiência da fé Trinitária. O laço de amor e comunhão no interior da Trindade, justifica a comunhão entre todos os fiéis da Igreja. Esta relação constitui abertura que conduz a unidade.<sup>416</sup> “A Igreja toda aparece como «um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo».”<sup>417</sup>

Sobre esta temática, na Igreja primitiva, em At 2,42-47, seu autor relata como viviam as primeiras comunidades cristãs:

Eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão, na partilha do pão e nas orações. Eram tantos prodígios e sinais que os apóstolos realizaram que todos eram tomados de

---

<sup>416</sup> CELAM., *Documento de Aparecida*, p. 81-82.

<sup>417</sup> *Lumen Gentium*, n. 4.

sentimentos reverência. Todos os que acreditavam eram unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam entre todos, conforme a necessidade de cada um. E todos os dias perseveraram unânimes no Templo. E partiam o pão nas casas, tomando alimentos com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e eram estimados por todo o povo. E a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade aqueles que eram salvos.

Reconhecer o outro como “ἀδελφός/irmão” evoca fraternidade, que por sua vez, é passível de exigências. A fraternidade produz sentido, quando permite: sensibilidade para com outro, empatia, solidariedade, partilha, vida em comunhão.

Nesta perspectiva, o estudo versa sobre: a vida fraterna na comunidade, no contexto de 1Cor 12,12-27; o significado eclesiológico da Igreja Corpo de Cristo; as implicações e perspectivas pastorais, a partir do reconhecimento do outro como irmão.

### 1. A vida da comunidade de Corinto no contexto de 1Cor 12, 12-27

É importante frisar que a perícopes de 1Cor 12,12-27 está situada no conjunto das cartas pertencentes ao *Corpus Paulinum*, tida como autenticamente paulina ou *protopaulina*<sup>418</sup>, presente em todas as litas e catálogos bíblicos antigos<sup>419</sup>. Conforme Gonzaga, essas cartas são de grande significado no que confere ao todo do NT. Pois trazem à tona elementos ricos da Igreja primitiva, e a relação que estabelece com os demais textos neotestamentários. Vale a pena destacar também, que Paulo é tido por muitos como o primeiro teólogo cristão, que, por meio de cartas, realizou um modo novo de anunciar e testemunhar Cristo ao mundo. Era uma necessidade da Igreja daquela época, no que tange à evangelização, que Paulo se tornasse o grande missionário e escritor que foi e permaneceu para o cristianismo primitivo.<sup>420</sup>

Reportando especificamente à perícopes de 1Cor 12,12-27, ela quer retratar a ideia inovadora elaborada por Paulo: Igreja Corpo de Cristo. Os membros que fazem parte da comunidade, pela via batismal, são cumulados de dons que se completam, para serviço da missão. Não há superioridade entre os membros em Cristo. Os serviços e ministérios fortalecem a unidade, no Espírito. Paulo, dessa forma, acentua a unidade do Corpo Cristo, que reúne todos os cristãos no mesmo Espírito.<sup>421</sup> Neste sentido, o texto de 1Cor 12,12-27 tem uma grande riqueza de vocabulário, com o qual o apóstolo vai construindo o texto, com singular beleza teológica, em especial para a Teologia da Fraternidade, para o serviço ao bem comum etc., como se vê na tabela a seguir, tanto no grego como no português.

1Cor 12,12-27 (NA <sup>28</sup> )	1Cor 12,12-27 (tradução)
<sup>12</sup> Καθάπερ γὰρ τὸ σῶμα ἓν ἐστὶν καὶ μέλη πολλὰ ἔχει, πάντα δὲ τὰ μέλη τοῦ	<sup>12</sup> Pois, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros

<sup>418</sup> GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 22.

<sup>419</sup> GONZAGA, W., *Compêndio do Cânon Bíblico*, p. 406-407.

<sup>420</sup> GONZAGA, W., *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*, p. 23.

<sup>421</sup> MALZONI, C. V., *Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios*, p. 185.

σώματος πολλά ὄντα ἐν ἔστιν σῶμα, οὕτως καὶ ὁ Χριστός·	do corpo sendo muitos, são um só, assim também o Cristo.
<sup>13</sup> καὶ γὰρ ἐν ἐνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἐν σῶμα ἐβαπτίσθημεν, εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι, καὶ πάντες ἐν πνεῦμα ἐποτίσθημεν.	<sup>13</sup> Pois também em um só Espírito todos nós em um só corpo fomos batizados, quer Judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e a todos um só Espírito nos foi dado beber.
<sup>14</sup> Καὶ γὰρ τὸ σῶμα οὐκ ἔστιν ἐν μέλος ἀλλὰ πολλά.	<sup>14</sup> Pois também o corpo não é um só membro, mas muitos.
<sup>15</sup> ἐὰν εἴπῃ ὁ πούς· ὅτι οὐκ εἰμι χεῖρ, οὐκ εἰμι ἐκ τοῦ σώματος, οὐ παρὰ τοῦτο οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ σώματος;	<sup>15</sup> Se disser o pé: porque não sou mão, não sou do corpo, não por isso não é do corpo?
<sup>16</sup> καὶ ἐὰν εἴπῃ τὸ οὖς· ὅτι οὐκ εἰμι ὀφθαλμός, οὐκ εἰμι ἐκ τοῦ σώματος, οὐ παρὰ τοῦτο οὐκ ἔστιν ἐκ τοῦ σώματος;	<sup>16</sup> E se disser o ouvido: Porque não sou olho, não sou do corpo, não por isso não é do corpo?
<sup>17</sup> εἰ ὅλον τὸ σῶμα ὀφθαλμός, ποῦ ἡ ἀκοή; εἰ ὅλον ἀκοή, ποῦ ἡ ὄσφρησις;	<sup>17</sup> Se todo o corpo, olho, onde a audição? Se toda a audição, onde o olfato?
<sup>18</sup> νυνὶ δὲ ὁ θεὸς ἔθετο τὰ μέλη, ἐν ἕκαστον αὐτῶν ἐν τῷ σώματι καθὼς ἠθέλησεν.	<sup>18</sup> Mas, agora, Deus pôs os membros, cada um deles no corpo segundo ele quis.
<sup>19</sup> εἰ δὲ ἦν τὰ πάντα ἐν μέλος, ποῦ τὸ σῶμα;	<sup>19</sup> Mas se todos fossem um só membro, onde o corpo?
<sup>20</sup> νῦν δὲ πολλά μὲν μέλη, ἐν δὲ σῶμα.	<sup>20</sup> Mas agora, muitos membros, mas um só corpo.
<sup>21</sup> οὐ δύναται δὲ ὁ ὀφθαλμὸς εἰπεῖν τῇ χειρὶ· χρεῖαν σου οὐκ ἔχω, ἢ πάλιν ἡ κεφαλὴ τοῖς ποσίν· χρεῖαν ὑμῶν οὐκ ἔχω·	<sup>21</sup> E não pode o olho dizer à mão: necessidade de ti eu não tenho; ou por sua vez a cabeça aos pés: necessidade de vós eu não tenho;
<sup>22</sup> ἀλλὰ πολλῶ μᾶλλον τὰ δοκοῦντα μέλη τοῦ σώματος ἀσθενέστερα ὑπάρχειν ἀναγκαῖά ἐστιν,	<sup>22</sup> Mas muito mais, os membros do corpo parecendo ser mais fracos são necessários.
<sup>23</sup> καὶ ἃ δοκοῦμεν ἀτιμότερα εἶναι τοῦ σώματος τούτοις τιμὴν περισσοτέραν περιτίθεμεν, καὶ τὰ ἀσχήμονα ἡμῶν εὐσημοσύνην περισσοτέραν ἔχει,	<sup>23</sup> E os que pensamos ser menos honrosos do corpo, a estes de honra mais abundante revestimos, e os nossos menos decorosos decoro mais abundante têm,
<sup>24</sup> τὰ δὲ εὐσχήμονα ἡμῶν οὐ χρεῖαν ἔχει. Ἀλλ' ὁ θεὸς συνεκέρασεν τὸ σῶμα τῷ ὑστερουμένῳ περισσοτέραν δοῦς τιμὴν,	<sup>24</sup> E os nossos decorosos não têm necessidade. Mas Deus formou o corpo, ao carente dando maior honra.

25 ἵνα μὴ ἦ σχίσμα ἐν τῷ σώματι ἀλλὰ τὸ αὐτὸ ὑπὲρ ἀλλήλων μεριμνῶσιν τὰ μέλη.	25 Para que não haja cisão no corpo, mas o mesmo uns pelos outros se preocupem os membros,
26 καὶ εἴτε πάσχει ἐν μέλος, συμπάσχει πάντα τὰ μέλη· εἴτε δοξάζεται [ἐν] μέλος, συγχαίρει πάντα τὰ μέλη.	26 E se sobre um só membro, sobre com ele todos os membros; se é glorificado [um] membros, alegram-se com ele todos os membros
27 Ὑμεῖς δὲ ἐστε σῶμα Χριστοῦ καὶ μέλη ἐκ μέρους.	27 E vós sois corpo de Cristo e membro da parte.

Fonte: Texto de NA28, tabela e tradução dos autores.

É de grande importância trazer as discussões presentes na Primeira Carta de Paulo aos Coríntios, vislumbrando maior compreensão do texto de 1Cor 12,12-27. De início, vale destacar algumas informações sobre a cidade de Corinto e o processo de formação da comunidade.

Corinto era classificada como grande metrópole. Tinha um comércio efervescente, facilitado pelos portos de Lequeu e de Cencreia.<sup>422</sup> Era uma colônia pertencente ao Império Romano. Durante a Guerra da Acaia (149 a 146 a.C.) fora destruída. No ano 44 a.C. foi refundada por Júlio César, tornando-se, depois, capital da Província da Acaia.<sup>423</sup>

Quanto à estrutura social da nova Corinto, é provável que a cidade tenha sido colonizada por 16.000 colonos, parte desses proveniente de outras cidades do Oriente grego. Alguns já detinham a cidadania romana (WALTERS, 2005, p. 402-403). Entre os colonos enviados por César, além de veteranos do exército, havia um grande número de pobres urbanos de Roma, mais da metade deles na condição de libertos (HORSLEY, 2004, p. 238). Por sua localização geográfica – entre o istmo que ligava o Peloponeso ao continente – Corinto transformou-se em um centro comercial com dois portos de mar: o de Lequeu, no Golfo Coríntio, e o de Cencreia, no Golfo Sarônico. O comércio atraiu marinheiros, comerciantes e povos de todo o Mediterrâneo, caracterizando Corinto como uma cidade cosmopolita (TENNEY, 2008, p. 298).<sup>424</sup>

O Apóstolo Paulo, autor da Carta, chega em Coríntios<sup>425</sup> sem companhia e se coloca a trabalhar na casa do casal Priscila e Áquila, um casal advindo da Itália,

<sup>422</sup> CARREZ, M. *et al.*, *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 75.

<sup>423</sup> MENDES, S. R. P., *Paulo e a Ekklesia de Corinto*, p. 109.

<sup>424</sup> MENDES, S. R. P., *Paulo e a Ekklesia de Corinto*, p. 111.

<sup>425</sup> Em At 18,1-18, é narrado o início da comunidade cristã de Corinto. Segundo os Atos dos Apóstolos, Paulo esteve em Corinto em sua segunda viagem missionária, vindo de Atenas. Permaneceu ali um ano e meio. De acordo com o testemunho de 1Cor 1,26-28, a igreja em Corinto floresceu, sobretudo, entre as camadas mais pobres da população, o que não significa que tenha sido entre gente totalmente inculta.

motivados pelo decreto do Imperador Cláudio, afastando todos os judeus da cidade de Roma. No dia de sábado frequentava a Sinagoga, fazendo uso da palavra, como expresso em At 18,2-4. A comunidade que Paulo forma em Corinto é composta por gregos e de cristãos de origem pagã, em sua maioria pobres. Como Corinto era uma cidade com grande fluxo de pessoas de várias regiões, devido aos portos, pois era uma cidade marítima, a comunidade assumiu características diversificadas, no que tange à origem de seus habitantes. Neste sentido, a tarefa de formar uma comunidade de “ἀδελφοί/irmãos” com espírito fraterno de comunhão, torna-se um trabalho hercúleo.<sup>426</sup>

A presença de uma comunidade judaica na Corinto romana é mencionada em Atos 18.4-8, onde Lucas informa que o chefe da sinagoga, Crispo, e toda a sua casa aderiram à pregação de Paulo. A historicidade do relato de Atos, no que se refere à existência de uma sinagoga em Corinto, pode ser atestada por algumas evidências: a menção das cidades de Corinto e Argos por Filo em sua lista de regiões da Diáspora e a descoberta de um fragmento de rocha com parte da inscrição que nos sugere o nome [Syna]goge Hebr[aión]. Dessa forma, é possível concluir que os habitantes da Corinto romana provinham de diversas regiões, o que caracteriza essa cidade como um conglomerado de indivíduos que, apartados das suas comunidades de origem, trouxeram consigo tradições culturais particulares: gregas, romanas e judaicas. Foi nesse ambiente social multifacetado que se desenvolveu a missão paleocristã empreendida por Paulo.<sup>427</sup>

A tensões que marcam a vida da comunidade de Corinto perpassam as questões: 1) entre os judeus gregos (1Cor 12,12): uns queriam milagres, outros a sabedoria (1Cor 1,18-31); 2); entre escravos e livres (1Cor 7,21-236; 12,13); 3) entre homens e mulheres (1Cor 7;11,3-15; 14,34-35); entre partidários de Paulo, de Cefas e de Apolo (1Cor 1-4); 4); entre os que queriam se apossar dos carismas em proveito próprio e os que usavam para edificação da comunidade (1Cor 12-14).<sup>428</sup>

As referidas tensões são próprias do ser humano e mais ainda de grupos humanos. Para romper as divisões, Paulo dirige a comunidade para o mistério do Cristo, para dimensão da Igreja Corpo, em que apesar das diferenças existentes, há uma unidade, há comunhão, há desejos de crescimento comum em Cristo. É importante mencionar que na Primeira Carta aos Coríntios são abordadas várias problemáticas, algumas por sugestão de pessoas da própria comunidade (1Cor 1,11) e outras por meio de escritos, como indica o texto de 1Cor 7,1, por exemplo, o qual versa sobre casamento e virgindade.<sup>429</sup>

Conforme Malzoni, a proposta mais adequada para estruturar a Carta, parte do endereçamento (1Cor 1,1-3), seguindo com a ação de graças (1Cor 1,4-9), depois o texto

---

Depois de sua partida, Paulo manteve com a comunidade uma estreita correspondência; MALZONI, C. V., *Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios*, p. 178.

<sup>426</sup> CARREZ, M. et al., *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 75-76.

<sup>427</sup> MENDES, S. R. P., *Paulo e a Ekklesia de Corinto*, p. 116.

<sup>428</sup> CARREZ, M. et al., *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 75.

<sup>429</sup> MALZONI, C. V., *Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios*, p. 178.

irá apontar o assunto das divisões na comunidade (1Cor 1,10–4,21). Na sequência, os capítulos que tratam sobre o caso de união ilegítima (1Cor 5,1-13), de processos em tribunais pagãos (1Cor 6,1-11), e traz as admoestações apresentadas, buscando combater uma moral permissiva (1Cor 6,12-20). Por fim, Paulo trata sobre o matrimônio e o celibato (1Cor 7,1-40), as carnes imoladas aos ídolos (1Cor 8,1-11,1), o modo de proceder nas assembleias (1Cor 11,2-14,40), a ressurreição (1Cor 15,1-58), terminando com notícias diversas e a saudação de despedida (16,1-24).<sup>430</sup>

### 1.1 *O corpo como sinal de unidade*

Para Paulo, a compreensão de corpo não se dá no campo da comparação, mas como identidade, como ser, ou seja, os membros da comunidade são “*Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo*”, não só parecem ou representa, mas de fato formam o corpo. A perícopes de 1Cor 12 deixa transparecer como o “apóstolo dos *gentios*” (Rm 11,13) concebe a Igreja, como o “Corpo de Cristo”. Os que fazem parte da comunidade são relacionados ao corpo, sendo por assim dizer: pertencentes ao Corpo de Cristo. Segundo Malzoni: “Cada fiel, com seu próprio corpo, se une a Cristo como membros de seu corpo morto na carne e vivificado no Espírito. Paulo acentua principalmente a unidade desse Corpo, que reúne todos os cristãos no mesmo Espírito”.<sup>431</sup>

A primeira carta aos Coríntios é reconhecida por exegetas como Aletti (2010, p. 28) como um texto protopaulino, especialmente por fazer a reflexão eclesiológica. A perícopes a ser estudada, 1Cor. 12, 12-27, apresenta a metáfora do corpo aplicando uma valência eclesiológica à noção de igreja em que o corpo não é somente um membro (1Coríntios 6,15), ou presença do Cristo na vida dos cristãos, em perspectiva eucarística (1Cor. 10,17), mas o corpo é também o locus em que a igreja é reconhecida eclesiologicamente como “corpo de Cristo”: “Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte” (1Cor. 12, 27 | BJ).<sup>432</sup>

Na comunidade de Corinto surgiram atritos e divisões no que toca a posição e funções dos membros. Alguns se colocavam melhores do que outros. Existiam posições discriminatórias. Paulo apontou que a superação das divisões só podia acontecer à luz do Espírito Santo, que fazia o seu Templo dentro da comunidade, sem facções: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para utilidade de todos.” (1Cor 12, 4-7). Então, não existe um dom superior, seja de curas, milagres, profecia ou falar em línguas, todos os dons são colocados a serviço de toda a Igreja.<sup>433</sup>

O Apóstolo começou a aprofundar a teologia de “um só corpo” (1Cor 12,12-13) e, então, apresentando o Hino Batismal, ele sinalizou que o

<sup>430</sup> MALZONI, C. V., *Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios*, p.178.

<sup>431</sup> MALZONI, C. V., *Corpo (sôma) na Primeira Carta aos Coríntios*, p. 184-185.

<sup>432</sup> DE MORI, G. *et al.*, *Documento Integral*, p. 28.

<sup>433</sup> FERREIRA, J. A., *A imagem do corpo e opção pelos fracos (1Cor 12,14-27)*, p. 91.

Espírito fazia o seu campo de ação dentro da Igreja, sem divisões. Isso fora fundamental, porque havia desencontros impetuosos que envolviam os glossolálicos e, também, os espiritualistas/esclarecidos e, com isso, a experiência de “um só corpo” não era levada a sério. Havia necessidade de denunciar as diversas contendidas que se apresentavam naqueles pequenos grupos de Corinto. Para isso, o Apóstolo enfocou-se na espinha dorsal da ekklesia. Estavam acontecendo contradições ali dentro. Qual foi o anúncio de esperança? Era possível aprofundar a “imagem do corpo” e mostrar que Deus tinha a opção preferencial pelos “mais fracos”, os “menos dignos” e os “menos decentes” (v.22-23). Eles eram os seus escolhidos. Na metáfora do corpo ele nominou alguns membros como o “pé”, a “mão”, a “orelha”, o “olho”, o “ouvido”, o “olfato”, a “cabeça” (vv.14-21).<sup>434</sup>

Paulo aponta para um espírito de solidariedade que leva a vencer qualquer tipo de egoísmo. O batismo iguala e acolhe a diversidade. A partir do Espírito, os membros deveriam se reconhecerem irmãos e ampliar os laços de fraternidade. Tudo deve concorrer para o Corpo de Cristo, do qual todos participam e vivem.

Ao falar da comunidade como “*Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo*”, Paulo inova em relação ao AT, utilizando tal expressão (*soma*). Para ele, corpo quer se referir a Cristo e aos irmãos. Os denominados “*ἀδελφοὶ/irmãos*”, não se constitui em um termo que quer significar um conjunto de pessoas que estabelecem algum tipo de relação. Corpo tem significado de organismo espiritual.<sup>435</sup>

Dentre os significados atribuídos ao corpo de Cristo, Shelley (1989, p. 37) destaca “[...] pode finalmente significar ‘o organismo que se acha unido a Cristo’. O corpo é mais do que uma simples coleção de indivíduos. Trata-se de um organismo espiritual”. Para Lima (2014, p. 128) “[...] a expressão ‘corpo de Cristo’ indica a relação espiritual que a Igreja desfruta com Cristo, uma vez que o Espírito Santo está nela e este Espírito é o que estabelece a unidade na igreja em si mesma e com relação a Cristo”. Por isso, a comunidade.<sup>436</sup>

É central aqui a dimensão do Espírito. É na ação do Espírito que acontece a união entre Cristo e os “*ἀδελφοὶ/irmãos*”. A comunidade se torna uma nova sociedade, com vínculo profundo de fraternidade onde as pessoas cooperam uma para com a outra. Há um compromisso comum: internamente e externamente à vida eclesial, como é o compromisso do cuidado da “casa comum”<sup>437</sup>. Os membros trabalham juntos. As diferenças étnicas e sociais não podem impedir a comunhão: “Todos os membros

<sup>434</sup> FERREIRA, J. A., *A imagem do corpo e opção pelos fracos (1Cor 12,14-27)*, p. 91-92.

<sup>435</sup> DE JESUS DIAS, M., *Corpo e corporeidade*, p. 305.

<sup>436</sup> DE JESUS DIAS, M., *Corpo e corporeidade*, p. 305.

<sup>437</sup> GONZAGA, W., *Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da Laudato Sí e Rm 2,28*, p. 99-12; GONZAGA, W.; FERREIRA DOS SANTOS, J. M., *A vocação ao cuidado da terra: uma leitura a partir de 2Pedro 1,3-11*, p. 5-32.

do corpo derivam a sua vida da existência que têm no mesmo corpo. Visto que eles pertencem ao mesmo corpo, pertencem uns aos outro”.<sup>438</sup>

Em At 12,13, Paulo diz: “Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito”. Paulo, em sua visão teológica semita que enfatiza a dimensão unitária, compreende o ser humano como unidade. Essa unidade do ser se realiza de forma ampla quando atinge o sentido de unidade comunitária. Paulo compreende isto como unidade em Cristo, ou unidade eclesiológica. A unidade pessoal e comunitária em Cristo possibilita romper a barreira das divisões presentes em Corinto, abrindo as fronteiras para que sejam superadas todas as divisões. A transformação da comunidade se dá na perspectiva desse grande organismo espiritual, que unida a Cristo faz os membros se reconhecerem e viverem como irmãos.<sup>439</sup>

## **2. Igreja “Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo”**

O Catecismo da Igreja Católica ressalta que os discípulos foram associados à vida de Jesus. Assim, participam da sua missão, como também dos sofrimentos e alegrias. É permitido falar em um mistério profundo que liga Jesus e seus discípulos. Ao deixar este mundo para ir em direção à Glória, Jesus não deixa os seus na orfandade, mas doa seu Espírito: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: Recebei o Espírito Santo” (Jo 20, 21-22).<sup>440</sup>

A Igreja, continua o Catecismo, não é congregada entorno de Cristo, mas é unificada Nele. Por meio do Espírito, Jesus forma o Corpo com o povo, o qual Deus chama à comunhão. Destacam-se três aspectos da Igreja como “Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo”: 1) a unidade de todos os seus membros pela união de Cristo; 2) Cristo cabeça do Corpo; e, 3) Igreja Esposa de Cristo.<sup>441</sup> Vejamos cada um:

1) “Um só corpo”: os cristãos se tornam membros do Corpo do Senhor, com assentimento da Revelação Divina na história. São inseridos no Cristo. Nos sacramentos do Batismo e Eucaristia, esta vida do Cristo manifestada em cada cristão eleva a comunhão com Ele e todos os membros. O cristão é um *alter* Cristo. No Corpo há diversidade, mas ela não rompe jamais a unidade.<sup>442</sup>

O corpo requer também multiplicidade de membros, que unidos entre si se auxiliem mutuamente. E como no nosso corpo mortal, quando um membro sofre, todos os outros sofrem com ele, e os sãos ajudam os doentes; assim também na Igreja os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e auxiliam-se uns aos outros, tanto para mútua consolação, como para o crescimento progressivo de todo o Corpo.<sup>443</sup>

A unidade deste Corpo conduz o fiel à caridade. O Catecismo cita a passagem de Rm 6,4-5: “Por isso, se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; ou se

<sup>438</sup> DE JESUS DIAS, M., *Corpo e corporeidade*, p. 305.

<sup>439</sup> FERREIRA, J. A., *A imagem do corpo e opção pelos fracos (1Cor 12,14-27)*, p. 384-385.

<sup>440</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 789, 788.

<sup>441</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 788, 789.

<sup>442</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, 790.

<sup>443</sup> PIO XII., Carta Encíclica *Mystici Corporis Christi*, n.15.

um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. O *Corpo do Senhor* é expressão da vitória sobre qualquer divisão.<sup>444</sup>; 2) *Cristo é a Cabeça*: o Corpo tem seu fundamento na unidade com Cristo. Sem Cristo o Corpo é esfacelado, não tem sentido e direção.<sup>445</sup>

Os membros não são fechados em si e nem vivem de forma desordenadas sem critérios. O que pode dar vida, sustentar, animar e trazer dar significado ao Corpo, é somente Cristo. O Catecismo, citando Cl,1,18, diz: “Ele é a Cabeça da Igreja, que é seu Corpo. Ele é o Princípio, o Primogênito dos mortos, tendo em tudo a primazia”. Ainda afirma: “Todos os membros devem esforçar-se por se assemelharem a ele”. Os membros participam do destino e vida do Cristo. Por fim, Ele quer fazer todos crescerem n’Ele, que é a Cabeça. Ele ordena os seus, oferecendo dons e serviços para nos ajudar mutuamente no caminho da salvação<sup>446</sup>; 3) *Igreja Esposa de Cristo*: aqui cabe falar sobre a distinção entre a Cabeça e seus membros, expressado em forma sponsal: Esposo e esposa. A Igreja é esposa de Cristo. Cristo ama com fidelidade, o qual se entrega e a santifica. Uma aliança eterna pela via de seu sangue derramado na cruz. São unidos no dom do Espírito.<sup>447</sup>

O Papa Pio XII, em sua Carta Apostólica *Mystici Corporis*, discorreu que o Corpo de Cristo deve ser entendido, e por isso é denominado, místico.<sup>448</sup> A compreensão da Igreja Corpo Místico de Cristo é salutar para evitar incorrer em erro e apreciar tamanha dádiva do amor de Deus para com a Igreja. Pio XII enfatiza que o Corpo social da Igreja, do qual Cristo é o cabeça, é distinto daquele corpo físico de Jesus que nasceu de Maria e foi elevado aos Céus. O Corpo místico difere do corpo natural pela capacidade de conservar a personalidade de cada pessoa; difere do corpo moral porque para além de uma unidade social e colaborativa entre todos os membros, é regido por uma ordem infinita, sobrenatural, enfim, pelo Espírito divino, como afirma Pio XII.<sup>449</sup>

Por conseguinte, esse termo bem entendido lembra-nos que a Igreja, sociedade perfeita no seu gênero, não consta só de elementos sociais e jurídicos. Ela é muito mais excelente que quaisquer outras sociedades humanas às quais excede quanto a graça supera a natureza, quanto as coisas imortais se avantajam as mortais e caducas. As Comunidades humanas, sobretudo a Sociedade civil, não são para desprezar, nem

<sup>444</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 791.

<sup>445</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 792.

<sup>446</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 7493,794.

<sup>447</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, n. 796.

<sup>448</sup> A visão sacramental da Igreja levou, aos poucos, a superar essa compreensão na direção do “Corpo místico”. Já Pio XII escrevia, em 1943, uma importante Encíclica sobre o Corpo Místico (*Mystici Corporis Christi*). Por meio de uma compreensão mística e sacramental da Igreja ele supera uma compreensão meramente societária e institucional. Abre o caminho para uma nova compreensão do ministério papal como “chefe secundário” (sendo o principal sempre Jesus Cristo, presente no mistério da Igreja). Há uma margem para incentivar a participação dos fiéis, margem essa que já não é mais ocupada pelo corpo clerical. Eis o princípio básico que orienta a nova fase da eclesiologia: no mistério de Cristo todos somos iguais (CARNEIRO, C. A., *A Eclesiologia de Comunhão em Yves Marie-Joseph Congar*, p. 47-50).

<sup>449</sup> PIO XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis Christi*, n.58, 59, 60.

para ser tidas em pouca conta; mas a Igreja não está toda em realidades desta ordem, como o homem todo não é só corpo mortal. É verdade que os elementos jurídicos, em que a Igreja se estriba e de que se compõe, nascem da divina constituição que Cristo lhe deu, e servem para conseguir o fim sobrenatural; contudo o que eleva a sociedade cristã a um grau absolutamente superior a toda a ordem natural, é o Espírito do Redentor, que, como fonte de todas as graças, dons e carismas, enche perpétua e intimamente a Igreja e nela opera. O organismo do nosso corpo é por certo obra-prima do Criador, mas fica imensamente aquém da excelsa dignidade da alma; assim a constituição social da república cristã, embora apregoe a sabedoria do seu divino Arquiteto, é, contudo, de ordem muitíssimo inferior, quando se compara aos dons espirituais de que se adorna e vive, e à fonte divina donde eles dimanam.<sup>450</sup>

O Papa Pio XII, na Carta Apostólica *Mystici Corporis*, quis situar a profundidade do Corpo da Igreja. Este ultrapassa as realidades materiais e históricas e se dirige para a glorificação, enriquecido pelo Espírito. A consumação do Corpo Místico é a glória de Deus. Os sacramentos, realidade *ad intra* da Igreja, fortalecem os membros para que vivam na realidade histórica abertos ao fundamento que o sustenta, o próprio Deus.

O Concílio Vaticano II faz recordar como a vida do Cristo é manifestada nos membros Igreja: “nesse corpo difunde-se a vida de Cristo nos crentes que, pelos sacramentos, de modo misterioso e real, são unidos a Cristo morto e glorificado. Pelo batismo configuramo-nos com Cristo: Com efeito em um só Espírito fomos batizados todos nós para sermos um só corpo (1Cor 12,13).<sup>451</sup>

Conforme Congar, o Movimento de renovação litúrgico e da Ação Católica foram importantes e contribuíram para a teologia envolta o Corpo Místico de Cristo, que tem seu ponto basilar na concepção de que no mistério de Cristo todos somos iguais. Congar compreende que Corpo Místico não é um conceito intimista e nem uma humanidade que é consagrada a Deus e assim propensa a imita-lo. Para ele, esta categoria indica que Cristo continua sua vida na humanidade, como também é correto afirmar que a humanidade vive a vida do Cristo. Congar entende corpo para além de conceito, mas como uma construção. As diferentes interpretações bíblicas da categoria utilizada por Paulo fizeram com que Congar tivesse esta percepção do corpo.<sup>452</sup>

São Paulo partiu da ideia de Povo de Deus e somente depois ele passa à afirmação do Cristo em nós e às consequências éticas disto. Tudo isto faz pressentir a Congar que a noção de Povo de Deus, por mais rica e verdadeira que seja ela, sem a articulação com a noção de Corpo Místico é insuficiente para pensar adequadamente o mistério da Igreja presente. Assim, conclui Congar, como no corpo humano existe uma variedade de funções na unidade de vida, a mesma coisa acontece com o Corpo Místico: ele assume toda a diversidade humana na unidade de uma vida santa e religiosa que é a vida de Cristo. Ele faz com que nossos

---

<sup>450</sup> PIO XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis Christi*, n.61.

<sup>451</sup> *Lumen Gentium*, n. 13.

<sup>452</sup> CARNEIRO, C. A., *A Eclesiologia de Comunhão em Yves Marie-Joseph Congar*, p. 47-50.

atos sejam inscritos em Cristo e, enfim, misteriosamente, sejam d'Ele, uma vez que são de Seu Corpo.<sup>453</sup>

A reflexão de Congar valoriza o Corpo Místico enquanto linguagem capaz de elucidar a unidade humana na diversidade. Tudo isso ocorrendo na vida de Jesus, o Cristo da nossa fé. Tudo aquilo que diz respeito a cada pessoa humana, diz também ao Senhor. Cristo está definitivamente em nós. Isso faz decorrer ações éticas, e acima de tudo, ações pautadas pelo dom da caridade.

### **3. Aspectos pastorais decorrestes da Categoria “Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo”**

A Comunidade é lugar privilegiado do encontro com o Senhor. No texto de Mt 18,20, o evangelista coloca na boca de Jesus as seguintes palavras: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei lá”. Ele é o Emanuel, Deus conosco (Mt 1,23). A realização, vida e missão daqueles que formam a comunidade de fé não se dá no isolamento, numa caminhada individualista. Ao contrário, são vividas e experimentadas no seio de uma comunidade concreta e palpável, que encontra seu centro em Cristo. Como apontado no item anterior: os membros vivem a vida no Cristo, tudo vivem e fazem “por Cristo, com Cristo e em Cristo”. Este mergulho é tão profundo que nos deparamos com esta realidade: Ele está em nós. Nós precisamos estar n'Ele, pois só teremos vida plena n'Ele e com Ele (Jo 10,10: “ἐγὼ ἦλθον ἵνα ζωὴν ἔχωσιν καὶ περισσὸν ἔχωσιν/*Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância*”). O que acarreta participar do Corpo de Cristo?

Vivemos numa sociedade marcada pela desigualdade social. As relações são demasiadamente frágeis. Essas realidades infelizmente tocam também a Igreja. Quando olhamos mais atentamente a vida de nossas paróquias, pastorais, movimentos, congregações, é notório e visível alguns os privilégios também na vida comunitária. As relações de poder são evidentes e quem tem poder tem decisão. Alguns grupos são mais fortes e influentes que outros. Há uma dificuldade de sair do “gueto” de seu grupo, de acolher o pensamento de outros, que também são chamadas a serem sujeitos, pois fazem parte da Igreja. Participam do sacerdócio comum de Cristo. Para entender a Igreja “Σῶμα Χριστοῦ/Corpo de Cristo”, temos que ressignificar nossa vida de Igreja. A Igreja não é grupo de amigos. O outro é meu irmão e a outra minha irmã. É no mistério de Cristo que iremos compreender o outro como irmão e a outra como irmã. O caminho parece estar sendo aberto de forma mais bonita e serena com o tema da Sinodalidade e esperamos que o Sínodo de 2023 e 2024 nos ajude neste caminho de fraternidade, de vida e compromissos comuns, como tem pedido o Papa Francisco.

#### **3.1 Âmbito da Comunidade**

O Documento *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*, da CNBB 100<sup>454</sup>, oferece caminhos para a Igreja reconciliar consigo e ser fiel naquilo que constitui seu próprio ser: Igreja Corpo Místico de Cristo. Percebemos o fundo eclesial

<sup>453</sup> CARNEIRO, C. A., *A Eclesiologia de Comunhão em Yves Marie-Joseph Congar*, p. 47-50.

<sup>454</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100* (2014).

da questão, que se traduz na vida comunitária, na participação de todos, no serviço comum e na riqueza dos ministérios para o bem de toda a Igreja e da Igreja toda.

A comunidade é lugar de discipulado. Nela, os membros aprendem de Jesus um jeito novo de viver e ser no mundo. A Igreja primitiva, formada por Apóstolos e discípulos, foi chamada a viver na comunhão com a pessoa de Jesus. Nesta feliz comunhão, todos despertavam para o reconhecimento do outro. O outro é “meu irmão”, a outra é “minha irmã” em Cristo, o qual deu a vida por todos e o batismo nos iguala a todos. Esta é a afirmação paulina em Gl 3,26-29:

<sup>26</sup> Pois todos sois filhos de **Deus** por meio da FÉ em **Cristo Jesus**, <sup>27</sup> pois todos quantos, em **Cristo** fostes **BATIZADOS**, de **Cristo** vos vestistes.

---

<sup>28</sup> Não há <b>judeu</b>	nem <b>grego</b> ,
não há <b>escravo</b>	nem <b>livre</b> ,
não há <b>homem</b>	nem <b>mulher</b> ;

---

Pois todos vós **SOIS UM** em **Cristo Jesus**. <sup>29</sup> E se vós sois de **Cristo**, então de **Abraão** sois descendência, **herdeiros** segundo a promessa.

Deus tem presente a dignidade de cada pessoa, na própria individualidade, sem discriminar ninguém, e sequer tem preferência sobre nacionalidade, classe social, raça ou cor: “καὶ γὰρ ἐν ἐνὶ πνεύματι ἡμεῖς πάντες εἰς ἓν σῶμα ἐβαπτίσθημεν, εἴτε Ἰουδαῖοι εἴτε Ἕλληνες εἴτε δοῦλοι εἴτε ἐλεύθεροι, καὶ πάντες ἐν πνεῦμα ἐποτίσθημεν/*Pois também em um só Espírito todos nós em um só corpo fomos batizados, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres, e a todos um só Espírito nos foi dado beber*” (1Cor 12,13; vide também Rm 2,11;10,12; Gl 3,28; Cl 3,11). Por isso, antes de qualquer coisa, todos deveriam se colocar como irmãos e irmãs e não como mestre, pai e guia. Igualmente, na comunidade de Corinto, todos eram iguais em dignidade. Não cabia espaço para inferioridade. Porém, infelizmente, também eram comuns naquele contexto, em que Paulo escrevia a Carta à comunidade de Corinto, o uso de diferenças entre homem e mulher e por estratificação social, para se sobrepor às pessoas, dentro da comunidade.<sup>455</sup> De acordo com Ferreira:

Paulo denunciou os “partidos” (1Cor 1,12) dentro da igreja. Quem assim agia, destruía a unidade. Quem se obstinava pelo poder eram os “fortes” (ricos, filósofos, masculinos, gregos, romanos, judeus, senhores), os “perfeitos” que achavam que nada atingia o seu “ego” (1Cor 6,12; 10,23) e os que tinham “liberdade”, mas não se preocupavam com os pequenos. Esses se consideravam superiores aos “fracos”.<sup>456</sup>

Podemos citar na contemporaneidade a questões de raça e de gênero, principalmente em relação ao negro e à mulher que ainda não valorizados em muitos campos e aspectos, precisando avançar nas conquistas de seus direitos, tanto na vida

---

<sup>455</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Documento 100, p. 43-44.

<sup>456</sup> FERREIRA, J. A., *A imagem do corpo e opção pelos fracos (1Cor 12,14-27)*, p. 92-93.

pessoal como comunitária. Neste sentido, mesmo com as contradições, oriundas das limitações humanas e incongruências no seguimento de Jesus, a comunidade é ambiente oportuno e apropriado para o amadurecimento e desenvolvimento da pessoa humana e da vivência da dignidade de filhos e filhas de Deus, sem privilégios de alguns em detrimento de outros.

É na comunidade que o sujeito confronta com suas demandas (existencial, psíquica, intelectual e espiritual), sempre se colocando em relação com outro. Assim toma consciência de si e de outro. Esta relação acontece pela via do amor e da fraternidade. Amor que se abre para o outro e fraternidade que constrói a vida comunitária. Lidar com as demandas da comunidade, os conflitos que nela se manifestam, requerer capacidade de gerenciamento das relações e maturidade cristã de pertença a Cristo, para que essas relações sejam amorosas e provoquem um encontro frutífero que tenha implicações na vida pessoal e na vida comum.<sup>457</sup>

A comunidade estabelece diferença em relação à sociedade, por não ser formada por vínculos jurídicos ou mesmo por objetivos comuns. A comunidade é lugar do amor em que se vivência a fé e o Evangelho do Amor, pautando-se sempre pela tríade das virtudes teológicas: “fé, esperança e amor”<sup>458</sup>. Essas três virtudes cristãs enriquecem a todos os membros da Igreja: adultos, crianças, jovens e idosos, homens e mulheres.<sup>459</sup> A mensagem cristã se resume na fé e no amor a Deus, que perpassa por toda a comunidade dos irmãos. A obra de Cristo é reino de amor, que tem na Igreja seu sacramento (sinal visível e eficaz da graça de Deus). Jesus escolhe apóstolos e com eles vive na intimidade, e lhes revela os mistérios do Reino de Deus. Toda as comunidades cristãs, dinamizadas pelo Espírito de Deus, fazem a experiência antecipada do Reino, a valer, o antegozo das promessas divinas<sup>460</sup>, e são chamadas a dar testemunho dessa graça divina ao mundo, vivendo e testemunhado a fraternidade dos filhos e filhas de Deus. Indicam ao mundo, como diz o salmista: “Eis quão bom e agradável é o conviver dos irmãos também em unidade” (Sl 133,1)<sup>461</sup>.

### 3.2 A Fraternidade entre irmãos

Pertencer à comunidade cristã significa, antes de tudo, fazer experiência de amor fraterno. Por isso, a experiência que se faz do Cristo deve ser traduzida em relações de comunhão e de fraternidade entre irmãos. A fraternidade não é para Igreja apenas uma obrigação *ad extra*, mas uma realidade mesma do ser cristão. A comunhão com o outro garante a comunhão com Deus.<sup>462</sup>

Os sinais de comunhão solidária deixam transparecer a união com Deus e os homens. Esta visibilidade perpassa por experiências de fraternidade que ajudam a tomar consciência de pertença comunitária, rompendo com o isolamento dos membros e firmando o compromisso com o outro. O cristão deve estar atento às necessidades

<sup>457</sup> BRIGHENTI, A., *A Pastoral dá o que pensar*, p. 161.

<sup>458</sup> GONZAGA, W.; LIMA, A. P., *A tríade fé, esperança e amor no corpus paulino à luz de 1Coríntios 13,1-13*, p. 89-123.

<sup>459</sup> BRIGHENTI, A., *A Pastoral dá o que pensar*, p. 161.

<sup>460</sup> BRIGHENTI, A., *A Pastoral dá o que pensar*, p. 162-163.

<sup>461</sup> GONZAGA, W.; BARRETO NETO, J. M. P., *Bom e agradável, como o óleo e o orvalho. Uma análise retórica do Salmo 133*, p. 303-325.

<sup>462</sup> PINHO, J. E. B., *A Igreja: projecto de comunhão solidária*, p. 121.

dos “ἀδελφοί/irmãos”, sensível aos gestos de partilha e solidariedade. Para o crescimento da comunhão fraterna na Igreja é necessária a comunicação. Ela é essencial para haver partilha e participação. Quando essa realidade é frágil, surgem as dificuldades de diálogo e compreensão mútua<sup>463</sup>, pois os ruídos e os mal-entendidos podem fazer muito mal à vida concreta.

A construção da fraternidade exige atenção às situações que interpelam a coerência da vivência comunitária e pastoral. A coerência tem que passar pelo acolhimento sincero e evangélico das pessoas nas situações em que elas se encontram. As tensões e conflitos presentes na comunidade, existem desde os primórdios do cristianismo<sup>464</sup> e são reais, mas não a definem. A busca pela fraternidade supera aquilo que é destrutivo e caminha para uma realidade totalmente criativa, impulsionada pela cultura do diálogo verdadeiro. O testemunho da fraternidade na comunidade é autêntico, quando a fraternidade se torna lugar de humanidade, as relações são humanizadas.<sup>465</sup>

O amor fraterno, vivenciado em comunidade, em uma sociedade local, é a base da fraternidade que se estende a todos. O amor amplo, expansivo, é a base da “amizade social”, que, a partir de uma sociedade concreta, abre-se a todos (FT 100). A busca do papa baseia-se na superação das relações interesseiras, nas quais se procura ter “sócios”, e não fazer “irmãos” (FT 103-105). Ter sócio ou fazer parte de uma sociedade não é pecado. Entretanto, o Evangelho de Jesus nos impele a ampliar, o máximo possível, um modo de relacionamento não fundado no interesse. Na ótica de Jesus Cristo, é legítimo desfazer uma sociedade, ou seja, por razões práticas alguém deixar de ser sócio de outra pessoa, mas jamais o outro deve deixar de ser considerado irmão simplesmente porque não atende aos meus interesses ou porque não pensam como eu.<sup>466</sup>

Na Encíclica Fratelli Tutti, o Papa Francisco toca o tema da amizade social e à fraternidade universal<sup>467</sup>. Para que elas venham se tornar uma realidade concreta é imprescindível reconhecer o valor do ser humano, que merece respeito e dignidade pelo simples fato de existir, em qualquer circunstância<sup>468</sup>. Há uma dignidade que nasce do reconhecimento que todos são filhos e filhas de Deus. Esse é o fundamento que torna a dignidade humana inviolável.<sup>469</sup>

O Papa fala em amadurecimento integral que quer significar “querer bem o outro”.<sup>470</sup> Isto é um tanto desafiador na vida comunitária, sujeita a embates, conflitos e situações muitas vezes não compatíveis com a fé cristã. Um passo para o

<sup>463</sup> PINHO, J. E. B., *A Igreja: projecto de comunhão solidária*, p. 122.

<sup>464</sup> GONZAGA, W., *Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos* (2015); GONZAGA, W.; DA SILVA, V. J., *O conflito entre Evódia e Síntique (Fl 4,2). Um antagonismo à comunidade ideal*, p. 721-740.

<sup>465</sup> PINHO, J. E. B., *A Igreja: projecto de comunhão solidária*, p. 123.

<sup>466</sup> SANTOS. C. A., *Solidariedade: considerações à luz da encíclica Fratelli Tutti*.

<sup>467</sup> GONZAGA, W., *A construção da fraternidade e da amizade social à luz da Teologia Bíblica da Fratelli Tutti*, p. 227-249.

<sup>468</sup> *Fratelli Tutti*, n. 106-108.

<sup>469</sup> PINHO, J. E. B., *A Igreja: projecto de comunhão solidária*, p. 215.

<sup>470</sup> *Fratelli Tutti*, 113; SANTOS. C. A., *Solidariedade: considerações à luz da encíclica Fratelli Tutti*.

amadurecimento é a conversão pastoral, onde as relações na comunidade devem ser revistas continuamente, a partir da ótica do Evangelho e em clima de Sinodalidade. Há fatores que se apresentam na Igreja que ferem a unidade da comunidade, comprometendo a comunhão. Pautando-se pelo Doc. 100 da CNBB, podemos citar: as fofocas, os interesses pessoais, espírito egoísta, etc. Quem comunga o Cristo não deve ser alheio ao irmão e à irmã na comunidade.<sup>471</sup>

A comunidade pode se inspirar no relato de Tertuliano sobre os primeiros cristãos. Eles tomavam tão a sério as palavras do Senhor: “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35) - que as outras pessoas e grupos afirmavam admirados: “Vede como eles se amam!”. O amor fraterno, a amizade e a caridade com todos são aspectos irrenunciáveis de uma comunidade cristã. Testemunhando o amor fraterno a paróquia será missionária. Quando se propõe renovar a paróquia como comunidade de comunidades, mais do que imaginar ou criar novas estruturas, trata-se de recuperar as relações interesses pessoais e de comunhão.<sup>472</sup>

A vida comunitária quer expressar autenticidade no seguimento de Jesus.<sup>473</sup> Então, a comunidade é lugar de: alegria, perdão, amor mútuo, diálogo e correção fraterna, ternura, fraternidade, compromisso social, bem comum etc. A possibilidade para encontrar os irmãos e irmãs que não participam da comunidade, os ditos afastados, perpassa o acolhimento dos que vivem na comunidade e que, por vezes, não estabelecemos relações de encontros que sejam verdadeiramente significativas e transformadoras.<sup>474</sup>

### 3.3 Irmãos na Missão

Todos os cristãos são chamados à corresponsabilidade na Missão. A comunidade é formada tendendo para esta realidade fundamental.<sup>475</sup> Respondendo ao chamamento de Cristo, os fiéis formam o Povo de Deus. Este Povo cresce e ganha visibilidade na comunidade concreta e visível. Segundo Pinho, é na comunidade que a fraternidade vai ganhar relevância e densidade histórica.

A fraternidade vivida internamente é chamada a irradiar para fora do espaço visível da Igreja. A missão da Igreja no mundo é ser «sacramento da união íntima com Deus e da unidade de todo o género humano», isto é, ela é chamada a ser sinal e instrumento do amor de Deus para com os homens e da fraternidade destes entre si, tornando visível e crível que na comunhão com Deus e os irmãos o homem encontra a possibilidade de mais plena realização e o caminho pelo qual será possível ir tornando este mundo mais humano e mais fraterno até à plenitude do Reino de Deus. Ressalta aqui a estreita

<sup>471</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100*, p. 134.

<sup>472</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100*, p. 134.

<sup>473</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100*, p. 133.

<sup>474</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100*, p. 134.

<sup>475</sup> PINHO, J. E. B., *A Igreja: projecto de comunhão solidária*, p. 125.

ligação que existe entre comunhão eclesial e serviço neste mundo, entre vivência interna eclesial e construção humana do mundo, ou seja, a koinônia não pode dissociar-se da diaconia a favor do mundo inteiro. Percebe-se, então, como a capacidade de a Igreja ser «sacramento universal de salvação» está em relação profunda com a sua capacidade de ser «sacramento da fraternidade humana».<sup>476</sup>

Nota-se que a grande missão da Igreja é ser no mundo sinal da fraternidade humana, fomentando a cultura da paz e da concórdia, sinais do Reino futuro, sendo sempre capaz de ler os “sinais dos tempos” (GS 4). Esta diaconia da Igreja é pertinente quando se faz coerente com a fé que nasce da experiência do Deus amor. Isto é evidenciado na vivência de amor e no serviço dentro da comunidade. Mais ainda, vai além do espaço da Igreja, pois missão é transbordamento do amor comunitário para realidade do mundo.

Trazendo a perspectiva da missão, vale recordar que os ministérios e serviços da Igreja não são para satisfação e realização apenas de seus membros. Os que são membros do Corpo do Senhor não visam poder e realização pessoa, mas o serviço e o “bem comum”. Buscam anunciar o Evangelho par ao bem de todos. Isso quer demonstrar que não existe membro superior ao outro na Igreja<sup>477</sup>, todos são para o bem comum. Aliás, sobre isso, é oportuno recordar as palavras do bispo de Hipona e doutor da Igreja, Agostinho: O que nos une, o batismo, é muito maior do que o que nos distingue, o ministério<sup>478</sup>. Isto faz pensar na sinodalidade (caminhar juntos).

O desenvolvimento coerente e eficaz da sinodalidade só é possível se se assumir, sem reservas, a visão da Igreja como Povo de Deus, no seio do qual os fiéis vão crescendo na consciência de que são membros activos e chamados a participar numa missão comum. Continua a ser tarefa básica fundamental - e permanecerá certamente ainda por muito tempo! - a necessidade de afirmar e fomentar a corresponsabilidade do maior número possível de fiéis, lembrando, a tempo e a contratempo, o direito e o dever de participação de todos os crentes na vida da Igreja.<sup>479</sup>

A Igreja tem aspiração na Trindade, por isso não pode pretender ser uniforme, invalidando as riquezas oriundas dos dons do Espírito na Igreja. A missão trinitária é inspiração para missão na comunidade. A comunidade eclesial deve se esforçar para cumprir a tarefa basilar de anunciar e testemunhar o amor revelado em Jesus Cristo como expressão da própria identidade. A comunidade vive a comunhão na

---

<sup>476</sup> PINHO, J. E. B., *Critérios de comunhão e construção da comunidade*, p. 201.

<sup>477</sup> BOFF, L., *E a Igreja se fez povo, Ecclesilogênese*, p. 66.

<sup>478</sup> AGOSTINHO, *Dos Sermões de Santo Agostinho, bispo, Sermão 340, 1: Patrologia Latina* 38, 1483-1484 (Sec. V d.C.); igualmente em AGOSTINHO, *Cresc.* 3, 80, CSEL 52, 484-485; 4, 65, CSEL 52, 563; ainda, em *Liturgia das Horas*, vol. IV, Memória de São Januário, bispo e mártir, 19 de setembro, p. 1293: “Aterroriza-me o que sou para vós; consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo, convosco, sou cristão. Aquele é nome do ofício recebido; este, da graça; aquele, do perigo; este, da salvação”

<sup>479</sup> PINHO, J. E. B., *Critérios de comunhão e construção da comunidade*, p. 219.

diversidade, sempre disposta a acolher a todos. Toda Igreja tem como premissa buscar viver a comunhão de amor trinitária.<sup>480</sup> Mais ainda, é sempre oportuno recordar que ela nasceu na unidade e na comunhão, mas igualmente na pluralidade e na diversidade das óticas: vertente hebraica (Pedro) e vertente helênica (Paulo), bem presentes na discussão da Assembleia de Jerusalém (At 15 e Gl 2); quatro são os Evangelhos, trazendo quatro óticas sobre Cristo, e não apenas uma, etc.

## **Conclusão**

O presente trabalho procurou tratar das implicações do reconhecimento do outro como irmão e irmã no seio da comunidade, partido do texto de 1Cor 12,12-27. Paulo recorre ao termo “Σῶμα Χριστοῦ/*Corpo de Cristo*” para se referir à Igreja, sinal de unidade e comunhão. Para o autor, “Σῶμα/*Corpo*” não quer significar comparação, mas o ser mesmo da Igreja. A comunidade de Corinto era diversa e apresentava problemas de divisão, alguns se colocavam como superiores a outros.

Paulo recorda que no batismo todos se tornam pertencentes ao Corpo do Senhor (“Σῶμα Χριστοῦ/*Corpo de Cristo*”), então carregam a mesma dignidade na comunidade. O estudo destaca que, mais tarde, a Igreja utilizou a expressão: *Corpo Místico de Cristo*. Todos são unidos a Cristo (Cabeça da Igreja: Cl 2,15-21) no Espírito. Este Espírito conduz para unidade. Participante da Missão de Cristo, a Igreja é, por isso, convocada para ser sinal no mundo fraternidade entre os povos, visando o Reino futuro. A unidade em Cristo conduz a Igreja a caridade, na comunhão e na sinodalidade.

Nos tempos atuais, numa sociedade cada vez mais individualista e materialista, sustentada pela cultura de mercado, as relações tendem a ser utilitaristas. A aproximação do outro é condicionada pelo grau de afinidade de ideias, pensamento político, valores, etc. Num primeiro momento esta aproximação é legítima e saudável. O problema se dá se se ela não for abertura para o outro, que é diferente de mim, que pensa diferente, o que comporta riscos que esse outro seja simplesmente percebido como inimigo, alguém indiferente (que não tenha capacidade de estabelecer certo grau de empatia).

Perguntamos se essas questões ocorrem no seio da comunidade cristã, dentro do contexto eclesial? O presente estudo indicou que sim, visto que existem muitas incongruências na comunidade que são incompatíveis com a fé em Cristo. Em sua Carta à comunidade de Corinto, especialmente em 1Cor 12-12-27, Paulo expressa o antídoto para que as diferenças na comunidade sejam superadas e se tornem húmus para a comunhão, o serviço e o bem comum. Ao falar de Igreja como “Σῶμα Χριστοῦ/*Corpo de Cristo*”, Paulo quer apontar que o fundamento das ações dos membros da Igreja é o próprio Cristo.

Reconhecer o outro como irmão e irmã traz vitalidade e dinamismo para Igreja, pois aumenta o sentido de pertença e espírito de corresponsabilidade na missão. O Espírito conduz para o caminhar juntos (*sinodalidade*) enriquecidos pela diversidade e a pluralidade. Uma espiritualidade de comunhão é mister para o processo de

---

<sup>480</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. Documento 100, p. 87.

reconhecimento do outro, como irmão e irmã, sem a qual, corre-se o risco de repetir eclesialmente um estilo de vida mundana, como tem alertado o Papa Francisco.

### **Referências**

AGOSTINHO DE HIPONA. Sermones Ad Populum: Classis III. Sermones de Sanctis. In: J.-P. MIGNE. *Patrologia, Series Latina*, Vol. 38 Tomus Quinto. Paris: Petit-Montrouge, 1865, p. 1247-1484.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOFF, L. *E a Igreja se fez povo, Ecclesio gênese: A Igreja que nasce da fé do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRIGHENTI, A. *A Pastoral dá o que pensar. A inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CARNEIRO, C. A. *A Ecclesiologia de Comunhão em Yves Marie-Joseph Congar*. 2008. Tese de Doutorado. PUC-Rio, p. 47-50.

CARREZ, M.; DORNIER, P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, M. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1987;

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1993. p. 194;

CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. Documento 100*. Brasília-DF: CNBB, 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. 2. ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

DE JESUS DIAS, M. Corpo e corporeidade: A construção da unidade em 1Cor. *Fragmentos de Cultura*, v. 32, n. 2, p. 305, 2022.

DE MORI, Geraldo *et al.* Documento Integral. *Annales Faje*, v. 1, n. 1, 2016, p. 28.

FERREIRA, J. A. A imagem do corpo e opção pelos fracos (1Cor 12,14-27). *Atualidade Teológica*, v. 21, n. 55, 2017, p. 92-93;

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

GONZAGA, W. Os Conflitos na Igreja Primitiva entre Judaizantes e Gentios a partir das Cartas de Paulo aos Gálatas e aos Romanos. Santo André: Academia Cristã, 2015.

GONZAGA, W. O *Corpus Paulinum* no Cânon do Novo Testamento. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, jan./abr.2017, p. 19-41. Doi: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.ATeo.29100>

GONZAGA, W. *Compêndio do Cânon Bíblico*. Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GONZAGA, W.; DA SILVA, V. J. O conflito entre Evódia e Síntique (Fl 4,2). Um antagonismo à comunidade ideal, *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 13, n. 2, maio/ago. 2021, p. 721-740. Doi: <http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.13.002.DS03>

GONZAGA, W. A construção da fraternidade e da amizade social à luz da Teologia Bíblica da Fratelli Tutti. *Perspectiva Teológica*, [S.l.], Belo Horizonte, v. 54, n. 1, 2022, p. 227-249. Doi: <https://doi.org/10.20911/21768757v54n1p227/2022> e <https://www.scielo.br/j/pteo/>

GONZAGA, W. Cuidar da casa comum, que sofre, geme e chora, à luz da Teologia Bíblica da *Laudato Sí'* e Rm 2,28. *Ephata*, Portugal, v. 4, no. 1, 2022, p. 99-12. Doi: <https://doi.org/10.34632/ephata.2022.10885>

GONZAGA, W.; BARRETO NETO, J. M. P. Bom e agradável, como o óleo e o orvalho. Uma análise retórica do Salmo 133. In: GONZAGA, W. *et alii*. *Salmos na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio – Letra Capital, 2022, p. 303-325.

GONZAGA, W.; FERREIRA DOS SANTOS, J. M. A vocação ao cuidado da terra: uma leitura a partir de 2Pedro 1,3-11. *Pesquisas em Humanismo Solidário*, Salvador, v. 3, n. 1, jan./jun. 2023, p. 5-32. <http://app.periodikos.com.br/journal/revistaphs/article/640616c6a953955e054465a3>

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A tríade fé, esperança e amor no *corpus* paulino à luz de 1Coríntios 13,1-13. In: GONZAGA, W. *et alii*. *Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica*. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio – Letra Capital, 2023, p. 89-123.

LUMEM GENTIUM. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações*, ed. 29, Petrópolis, Vozes, 2000.

MALZONI, C. V. Corpo (Sóma) na Primeira Carta aos Coríntios. *Fronteiras*, v. 2, n. 2, p. 178, 2019.

MENDES, S. R. P. *Paulo e a Ekklesia de Corinto: Conflitos sociais e disputas de autoridade no período pelecristão*. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

NESTLE-ALAND (eds.), *Novum Testamentum Graece*. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PIO XII. *Carta Encíclica Mystici Corporis Christi*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1960.

SANTOS. C. A. Solidariedade: considerações à luz da encíclica Fratelli Tutti, do Papa Francisco. *Vida Pastoral*. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/solidariedade-consideracoes-a-luz-da-enciclica-fratelli-tutti-do-papa-francisco/>